

Entre Nós

Números e histórias da Aliança Bíblica
Universitária do Brasil

2019



Sumário

Entre Nós 2019	3
Ação de Graças	54

Entre Nós - Esperança por todo o mundo: IFES e a Assembleia Mundial

Textos publicados em setembro de 2019

Principal

[África e esperança](#)

Palavras, movimentos e esperança plantados na Assembleia Geral da IFES

Matérias

[Bagagem da África: três ideias para a ABUB](#)

O que trouxeram uma profissional, um estudante e uma obreira

[Cinco lições ao redor do globo](#)

Amigos internacionais compartilham o que aprenderam na Assembleia Mundial

Artigos

[Relato do Encontro de Estudantes: semelhanças cheias do cuidado de Deus](#)

Na vivência de um pesquisador, a jornada é parte de uma história maior

[Relato da Assembleia Mundial: uma jornada de fé, encontros e esperança](#)

Estudante da Centro-Oeste compartilha sua vivência entre pares

Entrevistas

[Ziel Machado: de volta pra casa](#)

Novo presidente honorário da IFES pretende orar e contar histórias

[Kehinde Ojo: uma só visão, muitas culturas](#)

Obreiro da IFES conta como o movimento internacional apoia países

Principal

África e esperança

Por Marcus Vinicius Matos e Raquel Bergária*



Neste Entre Nós de 2019 queremos trazer uma experiência global de volta para o Brasil: os participantes da Assembleia Mundial da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês), da qual somos filiados, relatam as mensagens de esperança que colheram no evento e as experiências multiculturais do Reino de Deus. Entrevistas, artigos e reportagens recheiam esta edição do Entre Nós. Confira abaixo o texto de abertura escrito por dois diretores nacionais da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) dando o tom desta edição: a esperança e o compartilhamento entre diversas culturas para o movimento missionário estudantil! »

Principal

África e esperança

» Este ano fomos desafiados a participar de uma conferência não como turistas, mas como peregrinos. Pessoas que têm uma jornada longa pela frente e que entendem esse tempo de caminhada como sagrado. Então cada encontro, conversa, partilhar da mesa nas refeições, exposição da Palavra, música, silêncio, oração e reflexão poderiam ser apreciados e aproveitados. **Fizemos uma longa viagem à África do Sul, junto à delegação brasileira da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) para a Assembleia Mundial da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES)**, da qual somos parte, entre 3 e 10 de julho de 2019. Neste texto, compartilhamos aquilo que nos encheu de esperança: as palavras que ouvimos; os movimentos que fizemos; e o futuro que, em conjunto, enxergamos.

A jornada foi impactante: conhecemos teólogos africanos que lutaram contra o Apartheid, ouvimos pregações sobre teologia decolonial dentro de uma perspectiva bíblica e ortodoxa e fomos desafiados a pensar nossos movimentos nacionais e a responder aos desafios da nossa fé no contexto em que vivemos. Assistimos o último discurso de Daniel Bourdanne como Secretário Geral e o primeiro de Ziel Machado [entrevistado nesta edição do Entre Nós] como Presidente Honorário. Além disso, tivemos um momento ímpar: reunimos todos os movimentos de países de língua portuguesa da IFES e vamos começar uma colaboração com Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e Timor Leste!

A África do Sul, em geral, e Joanesburgo, em particular, **têm várias semelhanças com o contexto brasileiro**. Tanto nas suas belezas naturais, quanto nas mazelas sociais: pobreza, crime, racismo e corrupção são fatos marcantes e presentes. Estar ali nos fez olhar com outros olhos para nós mesmos. Mais que isso, as datas de início, endurecimento e fim dos regimes autoritários do Apartheid e da última Ditadura Militar brasileira quase que coincidem: temos uma história institucional, política e talvez eclesíastica com muitas semelhanças a dos nossos irmãos sul-africanos.

Em um evento com tanta gente (cerca de 1200 pessoas), de 170 países diferentes, com programação intensa, cheia de informação e conteúdo, coríamos o risco de nos perdermos de nós mesmos e do que Deus tinha para nos falar durante aqueles dias. Mas aqui tentamos lhes contar as palavras, os movimentos e a esperança que encontramos na Assembleia Mundial. »

Principal

África e esperança

» Palavras

As palavras que ouvimos em Bela Bela, a cidade que recebeu o evento, foram inspiradas. Naquele pequeno município no meio das Savanas ouvimos o sopro do Espírito. Pela manhã, por meio de exposições bíblicas no Evangelho de Lucas e livro de Atos, feitas por homens e mulheres, mensageiros da **esperança** das mais diversas partes do mundo. À noite, por meio de testemunhos de perseverança, luta, resistência e fé.

Numa das manhãs, tivemos o privilégio de ouvir uma jovem mulher latino-americana que nos convidou a seguir os discípulos de Jesus no caminho de Emaús, quando viviam um momento de medo, violência, injustiça e morte de todas as suas esperanças. Alejandra Ortiz é historiadora, professora e obreira do movimento estudantil no México, COMPA. Ela ressaltou a dificuldade dos discípulos em se lembrarem dos ensinamentos de Jesus e de verem sentido nos últimos acontecimentos catastróficos que viveram: **“Eles não entendiam o que aconteceu, as suas mentes estavam capturadas pela grandeza e poder do Império Romano, sob o qual estavam sujeitos. As expectativas dos discípulos sobre Jesus eram a de um Rei vencedor pela força e pelo poder político. Era muito difícil entender quem realmente era Jesus”**. Temos que reconhecer que somos muito mais parecidos com aqueles discípulos tristes e perdidos do que gostaríamos, e que precisamos ser “reorientados por Jesus”. »



Principal

África e esperança

» Jesus se faz presente e caminha com os discípulos em meio às dúvidas e desilusões, ele os escuta e acompanha. Jesus nos reorienta sobre quem ele realmente é, nos encontra onde estamos. Assim é Jesus, assim se revela Deus, como alguém próximo: Deus que se encarnou na história, nasceu de uma mulher pobre, foi um bebê dependente e vulnerável, imigrante. Teve um andar simples, cheio de autoridade humilde, e morreu como um delinquente para nos reconciliar com Deus. Talvez a nossa dificuldade de entendimento seja produto da incredulidade, nutrida pela cultura e pelo contexto que definem nossas expectativas.

Os discípulos estavam rodeados de história sobre o poder e a glória de Roma. O império se sustentava na “pax romana”, onde “paz” era produto da repressão e violência. Basicamente, a expectativa social de realização e êxito era obter liberdade e poder em termos políticos e econômicos, sem importar se isso implicasse subjugar a outros. Para ganhar do sistema, era preciso ter mais força e poder, e só alguém com mais recursos e poder poderia derrotar o império. Seguramente, Jesus não era o que esperavam. »



[Lucas 24:13-35 · Reorientados por Jesús · Alejandra Ortiz - YouTube](#)

Principal

África e esperança

» Alejandra enfatizou que **as universidades são espaços de elite, onde a busca pelo conhecimento muitas vezes leva à busca por poder e dinheiro. Vivemos em um contexto de grande desigualdade e violência, no qual o poder do império se impõe para fazer sofrer e matar.** Neste contexto é difícil imaginar que coisas possam acontecer sem poder, dinheiro e influência. E uma vez mais precisamos ser reorientados por Jesus. A Bíblia é central na nossa história, e é por meio das Escrituras que nos encontramos com Jesus e o conhecemos, e então a nossa realidade, seja ela qual for, ganha sentido e nos capacita a viver com esperança. E, na África do Sul, ouvimos testemunhos vivos dessa esperança. »

Principal

África e esperança



» O Reverendo Frank Chikane, que foi entrevistado no palco da Assembleia, é uma figura marcante, cuja história de vida precisa ser conhecida entre os cristãos. Filho de uma família pentecostal e conservadora, engajou-se na luta contra o Apartheid após sua mãe ser presa e obrigada a permanecer por sete horas deitada no chão, por ser encontrada sem “passe” para andar na área do Soweto reservada aos brancos. Segundo ele, era preciso ser crítico naquele momento: “É impossível pregar o evangelho e ao mesmo tempo permitir que as pessoas sejam traumatizadas, torturadas e assassinadas – isso não vem de Deus”. Uma teologia que permite a discriminação não pode ser cristã, porque a justiça não pode ser dividida: “Ou é para todos, ou para ninguém”. O racismo diminui a imagem de Deus nas pessoas. Chikane afirma que era necessário uma denúncia profética da situação em seu país.

Após entrar na luta contra o Apartheid, regime que era apoiado por boa parte das igrejas evangélicas e pentecostais da África do Sul, foi preso e torturado por um diácono da sua própria igreja que, nos lembra com assombro, “inclusive falava em línguas”. Durante o período na universidade, conta que era muito difícil evangelizar estudantes, porque as igrejas estavam comprometidas em apoiar o racismo: “O problema da igreja é quando ela se conforma com o mundo que devia transformar”. Além da luta política contra o regime, travou também uma batalha teológica: “O Deus cristão precisava ser liberto das mãos dos opressores, e para isso nós precisávamos de uma nova teologia”. A resposta veio através do que chama de teologia contextual: o reconhecimento de que a teologia consiste nos esforços humanos para entender Deus, e que embora acreditemos que temos a verdade, também somos afetados pelo contexto no qual nos encontramos. »

Principal

África e esperança



[Bearers of hope: stories from Africa · Frank Chikane - YouTube](#)

» Esse reconhecimento da importância do contexto em nossa teologia implicaria no abandono de uma teologia bíblica, conservadora, ortodoxa? Não para Chikane: “Uma teologia conservadora pode ser imensamente útil para lutar contra o sistema. Você pode dizer aos opressores ‘se você me matar, eu vou para o céu; se me deixar vivo, eu lutarei novamente contra o sistema’”. Após a guerra civil, ele diz que não entrou para a política, mas que se envolveu na política devido a sua fé. Para ele, a política era uma atividade missionária: “As pessoas vão ver meu testemunho e crerão, vão respeitar ao Senhor que eu sirvo”. Mas reconhece as dificuldades que encontrou, quando se tornou ministro de Estado, após o governo de Nelson Mandela: “Muitos caem. As tentações são muito grandes na política: dinheiro, poder e influência. Mas é diferente, se você está lá para dar testemunho do seu Deus”. Incrível, mas real. Um testemunho de esperança que pode nos reorientar e nos mover em outra direção.

Estas e outras palavras mencionadas estão disponíveis no [canal da IFES](#) no YouTube, em inglês e espanhol. »

Principal

África e esperança

» Movimentos

O impacto de um evento tão vasto e intenso como a Assembleia Mundial da IFES se dá também pelo intercâmbio de fé e experiências entre estudantes cristãos de todas as partes do mundo. Esse aspecto se enriquece na possibilidade de compartilhar experiências de fé e experimentar, no outro, as dificuldades e soluções, as diferenças e semelhanças.

Temos que ser gratos a Deus por um momento em específico: reunir os **países de língua portuguesa** na IFES. Encontramos, oramos e sonhamos junto aos membros das delegações de movimentos pioneiros como Timor Leste e Guiné Bissau. A estes, somamos as trocas históricas entre a ABUB, ABEMO Moçambique, GBU Portugal e GBECA Angola. Há muito que podemos e devemos colaborar uns com os outros: trocar experiências e treinamentos, enviar livros e pessoas uns para os outros. E iniciamos imediatamente o compartilhar de literatura e formação. »



Principal

África e esperança

» Na sequência deste encontro um pequeno grupo de representantes das **editoras** ligadas à IFES reuniu-se para compartilhar desafios, oportunidades e ideias. No contexto atual, de fortalecimento da ABU Editora, reconhecemos este momento como um presente de Deus: uma porta que se abre para colaborações intencionais e internacionais.

Além disso, a Assembleia Mundial teve plenárias para tratar da **governança** da IFES. Foi impressionante participar de um movimento com tamanha diversidade em sua composição, considerando origem geográfica, cultura, tradição eclesial e visão para o movimento estudantil em nível global. Tivemos a alegria de receber a filiação de treze novos movimentos estudantis das regiões Caribe, Ásia Oriental, Eurásia, Ásia do Sul, África de fala inglesa e portuguesa, Europa e Pacífico Sul. Isso significa que se juntam à IFES dezenas de grupos de estudantes cristãos nas universidades daqueles países, engajados na missão de viver e compartilhar sua fé, muitas vezes em um contexto de grande hostilidade política e falta de liberdade religiosa. »

Principal

África e esperança



» Outro momento significativo foi a **eleição de Ziel Machado** como presidente honorário da IFES. Ele é o primeiro brasileiro a assumir essa função e o segundo latino-americano. O primeiro foi nosso irmão peruano e pioneiro no movimento estudantil na América Latina, Samuel Escobar. O presidente honorário é escolhido entre aqueles que ocuparam um importante papel de liderança sênior na IFES e que, a partir da sua caminhada, podem oferecer cuidado pastoral e orientação à liderança em momentos importantes. É uma alegria receber de volta nosso querido Ziel, que tanto tem contribuído para o movimento estudantil no Brasil e no mundo ao longo dos últimos 40 anos.

É impactante conhecer melhor e participar da governança da IFES. Por um lado, ver uma estrutura capaz de oferecer suporte aos movimentos estudantis nacionais e exercer a representação institucional, uma organização a serviço da missão. Por outro lado, nos damos conta de que existe uma fragilidade institucional, uma vez que grande parte da organização se baseia em comunhão e confiança. E talvez seja bom que seja assim... somos levados a viver na confiança e dependência do Senhor e no entendimento de que como organização internacional de estudantes evangélicos devemos existir para servir aos propósitos do Senhor, à maneira e ao tempo dele. »

Principal

África e esperança



» Esperança

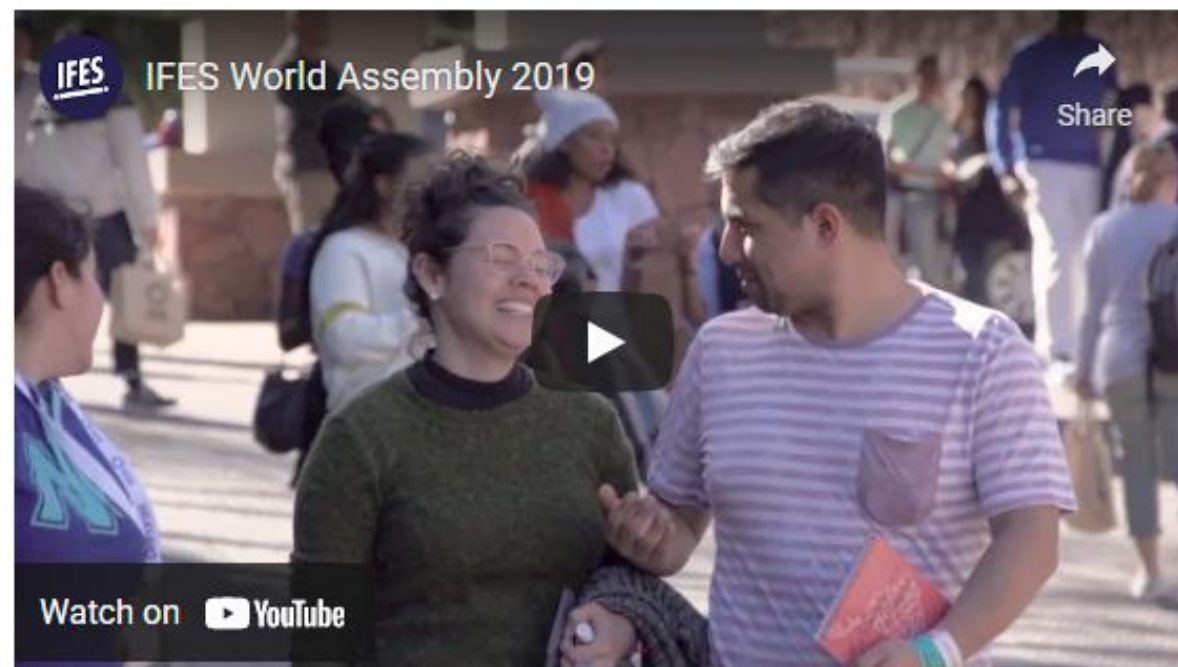
Até onde as palavras que ouvimos vão realmente ressoar em nossos ouvidos, encontrar morada em nossos corações e nos mover em direção ao amor, à fé e à esperança? Acreditamos que Deus nos guiará, como nossa história revela que ele fez até aqui. Vemos, no futuro próximo, uma ABUB maior e mais forte. **A Assembleia Mundial da IFES nos fez lembrar que, se chegamos até aqui, foi com a graça de Deus e o amor dos nossos irmãos, que sempre nos sustentaram.** A ABUB está em um de seus maiores momentos, e com isso vêm desafios complexos.

Por isso relembremos os motivos pelos quais temos esperança, usando as palavras de um famoso hino do bispo metodista Federico Pagura, que é cantado com frequência em nossos encontros: “Temos esperança porque Jesus entrou no mundo e na história, e quebrou o silêncio e a agonia, enchendo a Terra com sua glória; temos esperança porque a aurora viu sua grande vitória sobre a morte, o medo e as mentiras, e nada pode deter sua história, nem impedir a chegada de seu Reino” (tradução livre).»

Principal

África e esperança

» Foi também impactante a percepção de que é possível a unidade e o caminhar juntos a partir do que nos une: a fé em Jesus Cristo de Nazaré, que está vivo e agindo ativamente no mundo e na universidade, por meio dos seus discípulos peregrinos que se dispõem a servi-lo. Queremos convidar você, nossa irmã e nosso irmão, a seguir junto nesta caminhada, a compartilhar conosco dessa esperança. Há muitas formas pelas quais você pode contribuir. Ore pela ABUB, compareça aos nossos eventos, compartilhe nossas lutas e vitórias na sua igreja, com seu pastor e liderança, e doe para a obra do Senhor nas universidades brasileiras, na medida do que Deus colocar no seu coração.■



[IFES World Assembly 2019 - YouTube](#)

* **Marcus Vinicius** é diretor secretário da ABUB e participa da ABP Rio de Janeiro (RJ). Enquanto estudante de direito, participou da ABU Rio de Janeiro. Hoje é PhD pela Universidade de Londres e chefe da divisão de ensino da Escola Judicial do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região (TRT/RJ).

Raquel é diretora presidente da ABUB. Quando estudava psicologia em Ribeirão Preto (SP) participou da ABU. Hoje é mestre em desenvolvimento global e promoção em saúde pela Universidade de Bergen e trabalha como analista da Agência Nacional de Saúde

Bagagem da África: três ideias para a ABUB

Por Jessica Grant

Estudos sobre cuidado com a criação, acompanhamento com pessoas mais maduras e um material sobre a formação de obreiros na ABUB. São ótimas ideias, não? Essas três sugestões surgiram a partir da participação de brasileiros na Assembleia Mundial da IFES, realizada em julho de 2019 na África do Sul.

É quando saímos do ambiente em que estamos acostumados que podemos refletir sobre nosso contexto, descobrir nossas qualidades, observar sobre nossos defeitos e ter ideias novas. A Assembleia Mundial da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês) é um dos espaços ideais para isso entre os movimentos missionários estudantis de todo o mundo. O encontro acontece a cada quatro anos e é uma oportunidade de alimentar-se de novas sugestões e refletir sobre o que fazemos. Na edição deste ano, Brisa, uma profissional, Carlos, um estudante, e Nilsa, obreira da ABUB, tiveram diversas ideias. Aqui, eles nos contam apenas as principais que planejam colocar em prática na Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB). »

1. Ideia de uma profissional: falar de cuidado com a criação de Deus



Foto: Brisa com algumas das latino-americanas da oficina 16

Bagagem da África: três ideias para a ABUB

» Formada em administração, Brisa Kelly Silva está fazendo uma especialização em gestão ambiental. Por esse motivo e também por já estar refletindo sobre estas questões, ela se interessou em participar do seminário da Assembleia Mundial focado em "Cuidado com a criação". O tema aborda a mordomia com o meio ambiente a partir da Palavra de Deus. Mas, para além de sua atuação profissional, a formação que recebeu lhe deu ideias para a ABUB:

"Fiquei super motivada a pensar alguma coisa que pudesse contribuir sobre esse assunto. Então pensei em iniciar um grupo de estudos na ABUB Nordeste sobre cuidado com a criação. Mas ainda é uma coisa que não está muito bem elaborada, está tudo muito na minha cabeça", compartilha Brisa. Desde que retornou da África do Sul, ela já participou do Curso de Férias de sua região e aproveitou o evento para sondar se havia interesse no tema e foi, inclusive, encorajada por alguns assessores.

Para Brisa, o tema pode ser interessante para abordar inclusive com não cristãos. "Especialmente por conta do momento atual do país", conta. "Acho que pode levar pessoas não cristãs a refletir sobre como essas coisas estão relacionadas e também os cristãos a pensarem mais na sua responsabilidade (a começar por mim)."

E a ideia não é só para o Brasil: "No seminário havia várias pessoas da América Latina. Nós fizemos um grupo e temos conversado sobre o tema, pensado em como podemos articular alguma coisa, algum material, juntar as ideias e coisas que diferentes grupos de diferentes países da América Latina têm feito e têm pensado".»

Matérias

Bagagem da África: três ideias para a ABUB

2. Ideia de um estudante: conviver com pessoas mais maduras na fé



Foto: Carlos, de camisa quadriculada vinho (terceira pessoa da esquerda para a direita), com a delegação brasileira

» Carlos Oliveira, estudante de engenharia mecânica que participa da ABU São Carlos (SP), voltou impactado pela experiência que teve na Assembleia Mundial e trouxe consigo algumas reflexões. Um de seus aprendizados, por exemplo, foi valorizar mais a teologia latino-americana. "É algo que o pessoal de fora, principalmente da África e da Ásia com quem tive contato, admiram bastante e acham bem único. É uma herança importante que fazemos na ABUB, mas poderíamos fazer, explorar e valorizar mais. Não só a teologia latino-americana, como também aquilo que a gente produz dentro da ABUB", comenta Carlos.

É comum a experiência multicultural abrir nossos olhos não apenas para ideias novas, mas também para o que já temos e é um ponto forte, e não está tão evidente. "É bem único estarmos inseridos na nossa cultura e podermos responder aos nossos problemas com a Bíblia. Então eu trouxe isto [de volta]: valorizar mais a nossa experiência", compartilha o estudante. »

Bagagem da África: três ideias para a ABUB

» Mas foi a vivência diária de Carlos na Assembleia com pessoas mais maduras na fé que lhe deu uma ideia que pode levar para o grupo local: "É interessante conhecer e estar em contato mais cotidianamente com pessoas mais maduras na fé, com 40, 50, 60 anos. Foi algo que fez bastante diferença para mim, ter [a companhia de pessoas mais velhas] nesses dias e poder compartilhar dúvidas com eles. Eles também compartilhavam dúvidas e um pouco da caminhada deles. Sinto falta disso aqui, tanto na ABU quanto nas igrejas que frequento. Poderia ser feito mais, e eu pretendo fazer mais com os estudantes que estou junto aqui em São Carlos".

Para começar, Carlos pensa em se colocar mais à disposição dos estudantes mais novos, combinar almoços com uma pessoa para conversar mais ou marcar cafés. "A ideia é mostrar que eu estou aberto para conversar quando eles precisarem", conta.

A inspiração de Carlos chega num ótimo momento para a ABUB, sendo que no próximo ano devemos estabelecer o Conselho Consultivo, previsto no Estatuto aprovado em 2018. Um corpo de conselheiros que podem, com sua experiência, acompanhar o movimento estudantil. O brasileiro Ziel Machado também assumiu nesta Assembleia uma função na IFES que envolve o aconselhamento. »

Bagagem da África: três ideias para a ABUB

3. Ideia de uma obreira: organizar uma apresentação do material de formação de obreiros



Foto: Nilsa, ao centro, com Mailin, à esquerda, e Ruth, à direita, que ajudou na tradução

» Como secretária de formação, Nilsa de Oliveira conversou com muitas pessoas de vários movimentos sobre a capacitação dos obreiros, parte central de seu trabalho na ABUB. "Muitos queriam saber como fazíamos o recrutamento e formação de nossos obreiros. Eu sempre explicava um pouco dos processos e dos espaços existentes, mas sem um material organizado, bem estruturado para mostrar, compartilhar", detalha. A troca de conhecimento com certeza enriquecia a outros, mas foi justamente a limitação desse partilhar que encorajou Nilsa a organizar esse conteúdo.

"Desde o ano passado, isso tem nos incomodado. Eu e Natan [secretário de formação adjunto] temos pensando o quanto seria bom para a ABUB ter todos os processos de formação documentados, explicando como chegamos até ali e como cada espaço ou ferramenta é pensado e preparado. E foi durante uma conversa com a Mailin Young, diretora assistente de liderança e desenvolvimento de talentos da **Intervarsity Estados Unidos**, que tomei a decisão de levarmos adiante nosso desejo de documentar passo a passo cada ferramenta usada no recrutamento e formação de obreiros, preparando um material prático, de fácil leitura e acessível para compartilhar com todos os movimentos que queiram conhecer mais sobre o nosso trabalho aqui no Brasil.“ »

Bagagem da África: três ideias para a ABUB

» Nilsa conta que Mailin lhe mostrou um organograma com todos os passos, espaços e ferramentas na formação, além de "quadro de talentos com 10 qualidades inegociáveis que um obreiro deve ter (e como se preparam para isso), tudo muito visual e simples". "Conhecer o material no qual ela se baseia para trabalhar, me inspirou muito em como fazer o nosso", compartilha. Nilsa diz que teve várias outras ideias, mas esta ela pretende colocar em prática em breve.)▪

E você? Qual o último evento da ABUB que você participou e como pretende colocar em prática as ideias que teve ou ouviu?

Cinco lições ao redor do globo

Por Jessica Grant

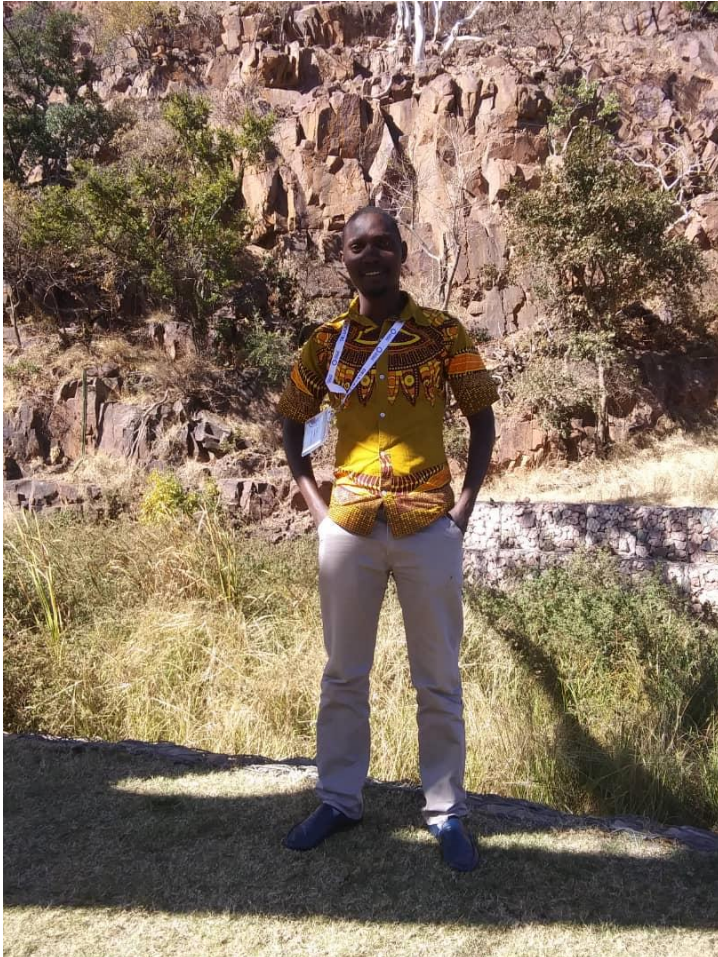
Da África do Sul para o mundo: os mais de mil participantes de mais de 170 países que estiveram em julho de 2019 na Assembleia Mundial da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês, da qual fazemos parte) levaram de volta para seus movimentos nacionais ideias e lições preciosas. A troca entre culturas fez com que todos pudessem aprender e ensinar. Os brasileiros citaram [nesta reportagem](#) as ideias que trouxeram de volta, mas que lições ou encorajamentos os outros países colheram?

Os abeuenses que participaram da Assembleia Mundial passaram os contatos das pessoas que conheceram e perguntamos para eles: "O que você aprendeu no evento?" Confira os depoimentos vindos de Moçambique, Bélgica, Canadá, Zâmbia e Timor-Leste.»

Matérias

Cinco lições ao redor do globo

Chavane Elias Matsinhe (ABEMO Moçambique)



» "[Durante o evento tive] a ampliação do meu entendimento sobre o movimento estudantil. Com a Assembleia Geral percebi o quão sério é a responsabilidade que temos de evangelizar os estudantes. Aprendi também a mensagem de esperança que o mundo precisa e em particular, entre os estudantes, está conosco, os cristãos.

"Tive a oportunidade de participar de um seminário sobre como escrever livros. Desde que me conectei ao movimento estudantil tive desejo de escrever algo para ajudar o ministério, mas não sabia como começar. Louvo a Deus pela oportunidade do seminário.

"Com a ABUB aprendi que, como movimento irmão, principalmente na língua, naquilo que tem sido obstáculo para o nosso movimento, caminhando juntos podemos ultrapassar. Comparativamente a nós, vocês já escrevem livros pela ABU Editora, estudos indutivos etc. Material esse que pode ser muito útil para nós por causa da língua. Na perspectiva de estrutura organizacional, a ABUB está muito avançada e nos pode ser muito útil na estruturação do nosso movimento. Orem por mim, para que Deus conceda-me a graça de escrever algo para meu movimento. Enfim, foi bom o tempo que tivemos com os irmãos da ABUB, com vocês nos sentíamos enquadrados na Assembleia Geral, principalmente por causa da língua e da literatura."

Chavane Elias participa da ABEMO Moçambique desde 2001 e hoje é presidente.»

Matérias

Cinco lições ao redor do globo

Sem Thomas (Ichtus Bélgica)



Foto: Sem está de verde à esquerda

» "Eu e meus colegas tivemos uma longa conversa com Sergei Koblov, secretário regional para Eurásia. Ele nos contou sobre um movimento que orava toda semana e postava uma foto disso no Facebook. Decidimos fazer o mesmo em uma cidade aqui. Na última quinta-feira foi a primeira vez que oramos em um dos campi em Kortrijk (Courtrai, em português). Planejamos fazê-lo toda quinta à tarde, às 13h30. Também temos um grupo secreto no Facebook: amigos da Ichtus Kortrijk. Lá postamos uma imagem por semana e esperamos que os membros daquele grupo unam-se à nós em oração. Isso é algo bem concreto.

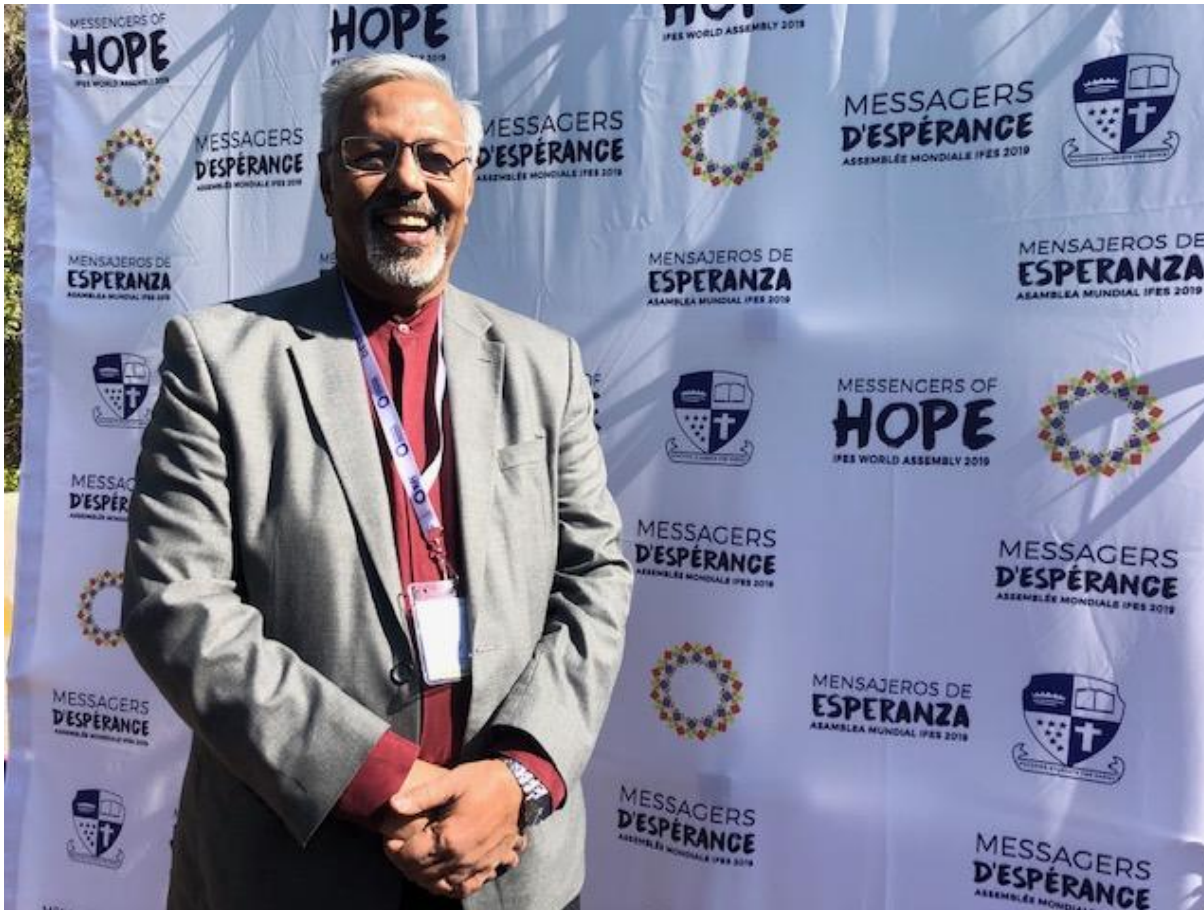
"Além disso, posso dizer que foi muito encorajador conhecer pessoas envolvidas no Experimento Marcos de quatro regiões diferentes da IFES, nove países diferentes, representando sete línguas diferentes. Foi muito legal perceber que temos o mesmo evangelho nos conectando."

Sem é obreiro da Ichtus Vlaanderen, da região flamenga da Bélgica, onde, entre várias tarefas, também coordena o Experimento Marcos.»

Matérias

Cinco lições ao redor do globo

T.V. Thomas (InterVarsity Canadá)



» "Um dos maiores encorajamentos que ouvi diversas vezes na Assembleia Mundial de 2019 foi sobre o crescente treinamento em governança para diretorias que está acontecendo. A saúde das diretorias está melhorando e os movimentos nacionais estão, com isso, se beneficiando. Uma diretoria saudável governa bem e tem um relacionamento agradável e colaborativo com o secretário geral. Isso faz com que ele se sinta empoderado e habilitado a gerenciar o plano estratégico do movimento, liderando os obreiros em um trabalho eficaz e frutífero em seus respectivos ministérios.

"Também me impressionei como diversos movimentos da IFES na África estão crescendo apesar do fato de terem ministérios liderados por estudantes de maneira mais forte do que muitos países no Ocidente. Espero explorar maneiras com que os obreiros possam nutrir e facilitar uma abordagem similar no Ocidente."

T.V. fez parte da diretoria de InterVarsity Canadá por muitos anos, atualmente está como vice-presidente.»

Matérias

Cinco lições ao redor do globo

Collen Njapau (ZAFES Zâmbia)



» "Aprendi algo muito interessante de uma estudante de Hong Kong. Ela me contou que fazer o ministério em seu país é muito difícil. Contou que muitos estudantes não são cristãos, mas budistas. Por causa disso, é difícil espalhar o evangelho, mas, sobretudo, Deus os está ajudando a adentrar [os espaços] com as boas novas. Isso me deu coragem em trabalhar duro para o Senhor no meu movimento, porque no nosso país nada nos impede de proclamar o evangelho. Na verdade, nosso país até se declara cristão. Agora, quando olho para meus amigos em Hong Kong [e vejo que] há dificuldades mas ainda o evangelho é proclamado, quanto mais [devemos fazer] nós que não temos isso? É uma oportunidade para que eu não descanse, mas trabalhe enquanto ainda tenho essa chance. E, de fato, vejo que há esperança na mensagem do nosso Senhor Jesus Cristo.

"Também aprendi algo novo com meus amigos que atuaram no Experimento Marcos, e [a profissional brasileira] Brisa foi uma destas. Isso foi muito encorajador e um aprendizado ao mesmo tempo. Nos poucos minutos que atuaram, aprendi sobre todo o livro de Marcos!"

Collen é assessor auxiliar (voluntário) na ZAFES Zâmbia e Coordenador Regional dos Associados da província de Copperbelt.»

Matérias

Cinco lições ao redor do globo

Thurston (KOW Timor-Leste)



Foto: Thurston à direita

» "Para mim, a Assembleia Mundial foi como reunião de família com primos que não conhecia antes. Conheci diferentes obreiros, estudantes e parceiros com quem tínhamos mil assuntos para conversar.

"Além de ouvir histórias inspiradoras de outros movimentos, aprendi algo novo sobre uma forma criativa de levar a Bíblia para os estudantes: o Experimento Marcos! O teatro interativo é uma das formas mais criativas de levar o Evangelho de Marcos aos estudantes. Aprendi com Chris Brown, de GBU Itália, e Sem Thomas, da Ichthus Vlaanderen. Começamos a sonhar em ter isso, porque nossos estudantes são muito talentosos e expressivos, então acreditamos que um dia eles gostarão de ter essa abordagem nova e emocionante. Trouxemos as ideias para os obreiros e compartilhamos com os estudantes. No entanto, precisamos de um diretor treinado para seguir. Mas já discutimos sobre isso com nossos movimentos irmãos.

Em geral, fiquei maravilhado com a incorporação de artes (performáticas e pinturas) na Assembleia Mundial. Aqui, geralmente limitamos nossa interpretação da Bíblia a palavras escritas com canetas ou lápis num papel, mas, depois de testemunhar tantas formas artísticas vibrantes de apresentar a Bíblia, voltei com muitas lâmpadas acesas na minha cabeça, novas ideias para compartilhar com os estudantes. O caminho para Emaús tornou-se o caminho para a esperança.

Cinco lições ao redor do globo

» Também queria conversar com movimentos de países de maioria católica, e sou muito grato ao estudante brasileiro Carlos que me apresentou ao Ziel Machado, com quem pude ter um bom tempo de escuta significativa. Nossa conversa foi útil para que estivéssemos atentos a nossa identidade evangélica, mas ao mesmo tempo ser bons irmãos com os católicos."

Obreiro da FES Malásia, Thurston participa hoje de Kernels of Wheat (KOW) Timor-Leste, pois está dedicados à IFES no Leste Asiático para apoiar o trabalho no Timor-Leste.■

Artigos

Relato do Encontro de Estudantes: semelhanças cheias do cuidado de Deus

Por Mariana Diniz, estudante que participou do Encontro de Estudantes e da Assembleia Mundial da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, em inglês)*

Viajar para a África do Sul nunca tinha passado pela minha cabeça, muito menos a real oportunidade de participar de uma Assembleia na qual pessoas do mundo todo, de diferentes línguas e culturas também participariam. Quando escrevi minha carta de motivação, necessária para a seleção da delegação brasileira, fui muito honesta quanto ao desejo “de conhecer as diferentes realidades dos estudantes por todo o globo, suas histórias, alegrias e dificuldades, que muitas vezes são tão parecidas com as que enfrento na Universidade de Brasília (UnB), mas também **tão únicas e cheias do cuidado de Deus**”. Mas nunca imaginei o quão surpreendente e maravilhosa seria essa oportunidade.»



Delegação brasileira com o ex-secretário geral Daniel Bourdagné e sua esposa. Mariana está no centro da foto, de lenço vinho no pescoço

Relato do Encontro de Estudantes: semelhanças cheias do cuidado de Deus

» Nas semanas que precederam minha viagem eu estava realmente insegura. Ir para um outro continente, com uma outra língua e principalmente uma outra moeda realmente me deixava desconfortável. **Deus, apesar da minha insegurança, sempre esteve cuidando de tudo nos mínimos detalhes.** Desde do voo, cheio de amigos brasileiros, até a recepção calorosa com bolinhos que a equipe da Assembleia Mundial providenciou para nós no Aeroporto de Joanesburgo.

O que mais me marcou em toda a Assembleia Mundial foi o **Encontro de Estudantes** nos dois primeiros dias, em que apenas os estudantes que foram para o encontro estavam presentes. Apesar de ser um grupo menor do que os 1200 participantes da Assembleia como um todo, **os 100 estudantes presentes tornaram o mundo muito mais próximo e real.** Quando me vi na tenda do encontro eu não conseguia parar de pensar no tanto que aquilo parecia com um familiar Curso de Férias ou Congresso Nacional da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB), com amigos já conhecidos e irmãos por conhecer. **Era um grupo tão diferente de jovens, mas também tão igual, com alguns tímidos e outros rindo, tentando vencer as dificuldades da língua para compartilhar suas histórias.**

A primeira atividade foi um quebra-gelo no qual cada um recebia um provérbio e devia encontrar outro estudante que tivesse o mesmo provérbio, foi uma bagunça só de jovens rindo e recitando provérbios em línguas que às vezes nem falavam. Como já tinha participado do encontro Cone Sul de 2018 (que reúne participantes da Argentina, Chile, Paraguai, Uruguai e Brasil), tive a oportunidade de reencontrar um amigo chileno que era meu par de provérbio. Não imaginava revê-lo e isso foi fantástico para, por meio dele, conhecer mais estudantes e amigos da América Latina.»

Artigos

Relato do Encontro de Estudantes: semelhanças cheias do cuidado de Deus



Foto: [IFES](#)

» Foi assim que me vi como tradutora de uma estudante da África Francófona que falava em inglês comigo para que eu a traduzisse para um amigo da Argentina que não falava inglês. A grande questão é que eu não falo Espanhol! Foi uma experiência intrigante na qual, mesmo com as dificuldades da língua, **todos estavam dispostos a tentar se entender e compartilhar um pouco da realidade da missão estudantil em seus países.**

Depois desse momento de nos conhecermos, tivemos uma roda de conversa com atuais e antigos representantes estudantis na diretoria da IFES. Um momento para conhecê-los e entender qual era seu papel na diretoria, sendo principalmente o de interlocutores da realidade estudantil por todo o globo. **Várias falas reforçavam que o movimento estudantil realmente é uma família.**

No dia seguinte conhecemos o então secretário geral da IFES, Daniel Bourdanné, que nos contou um pouco da sua história e trajetória no movimento, nos incentivando sempre a **permanecer firmes na missão de pregar o evangelho em nossas escolas e universidades.**

Na última tarde do encontro cada região da IFES se separou para que cada grupo pudesse compartilhar entre si a história de seu movimento nacional. Contar um pouco de quais foram as dificuldades dos movimentos, assim como seus pontos fortes que permitiram que superassem-nas e permanecessem ativos na missão. Como a ABUB faz parte da América Latina, compartilhei nossa história com amigos argentinos, chilenos, panamenhos e bolivianos.»

Relato do Encontro de Estudantes: semelhanças cheias do cuidado de Deus



Foto: Daniel Clavería

» Foi incrível esse tempo de compartilhar histórias, porque tive a oportunidade de ver quão semelhante elas foram e têm sido: a mesma dificuldade de levantar recurso ou treinar novas lideranças, como também a presença de obreiros e estudantes engajados que confiam em Deus e no seu cuidado.

Participar do Encontro de Estudantes realmente me levou a conhecer as **diferentes** realidades dos estudantes, talvez não por todo o globo, mas de amigos queridos da América Latina. Pude conhecer suas histórias, alegrias e dificuldades, que muitas, sim, são tão parecidas com as que enfrento na UnB, e também cheias do **cuidado de Deus**.■

*Mariana é estudante de história na UnB e faz parte da ABU Brasília (DF).

Relato da Assembleia Mundial: uma jornada de fé, encontros e esperança

Por Marcio Lima, que participou da Assembleia Mundial da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês) enquanto profissional*

“Não ardia nosso coração quando ele falava conosco no caminho e nos explicava as Escrituras?” Lucas 24:32 (NVI)

Viajei para África do Sul numa jornada em que não sabia o que me esperava, apenas confiava que de alguma forma esse tempo me marcaria. **A pergunta era: o que Deus falará conosco?**

Já no primeiro dia da programação fomos encorajados pela narrativa do encontro de Jesus com os discípulos no caminho de Emaús a entender a Assembleia Mundial como um **espaço de encontro com Jesus e a olhar para esse momento como um ponto de referência para nossas vidas**. Busquei ouvir e assimilar esse conselho.

Para mim, a Assembleia Mundial foi um espaço e tempo de encontro da família de Deus, um sinal sensível do Reino. Nesse grande encontro conheci estudantes, pesquisadores acadêmicos, obreiros e profissionais que embarcaram numa jornada como a minha e estavam ávidos por ver o que Deus poderia fazer nesses dias, isso contribuiu para criar um espaço afetivo de serviço e amor ao Senhor, no qual encontros e laços foram forjados.

Alguns momentos me marcaram profundamente. Um deles foi o de filiação de novos grupos à família IFES, demonstrações claras de que Deus pela sua Palavra está agindo. **O Reino se expande e o Senhor está trabalhando, agindo algumas vezes silenciosamente, misteriosamente, mas atuando**. Era incrível ver os testemunhos desses irmãos, as histórias de como Deus estava trabalhando em seus países, em suas vidas. Isso me encheu de alegria!

Algumas vezes no cotidiano, nas pressões da vida, acabamos nos acostumando com a fé cristã, com a Bíblia, e as encaramos como um item a mais da vida, mas ao me deparar com essas histórias, uma alegria me tomou, uma vez **mais a fé cristã se destaca como o eixo centralizador da vida e me encontro uma vez mais com o Cristo ressurreto**, conhecido no partilhar das histórias, da vida, mas também dos medos, das dúvidas. A passagem de Lucas 24:13-35 se materializa nesse momento, e o que estudamos ganhou vida, olhos e rostos. Nessa jornada, encontramos outros discípulos em suas fragilidades e esperanças. **Nossa identidade como discípulos de Jesus, uma vez mais se reforça na comunhão da vida de Cristo que desfrutamos com irmãs e irmãos de distintos lugares, identidade essa que não é idiomática, étnica, ou da cor da pele, mas que está calcada na cruz de Cristo, em sua ressurreição e esperança de sua volta.»**

Artigos

Relato da Assembleia Mundial: uma jornada de fé, encontros e esperança



Foto: grupo pequeno, Marcio está no canto esquerdo

» As diversas palestras e oficinas também me ajudaram nas perspectivas de trabalho na missão estudantil. **O engajamento com a universidade é algo sensível na minha realidade como professor universitário e pesquisador. Foram renovadas em mim as perspectivas de atuação acadêmica na universidade e as conexões possíveis entre a fé cristã e as realidades do mundo.** No meu caso, especialmente as tangências entre a experiência estética e a experiência religiosa e a produção artística e sua relação com as questões últimas da vida. Aliás, a arte esteve presente em diversos espaços da Assembleia Mundial, na programação, no caminho bíblico, na música, nas danças típicas africanas e na exposição das obras de artistas.

Essa jornada gera processos de escuta, avaliação e convocam respostas aos desafios da missão no meu próprio contexto. Um dos tópicos abordados na Assembleia foi o tema “Minha história na História de Deus”. Acredito que esse é um dos grandes temas para nossa reflexão enquanto cristãos num mundo pós-moderno.»

Relato da Assembleia Mundial: uma jornada de fé, encontros e esperança

» Entendemos a grande história de Deus, narrada na Bíblia como a narrativa definidora da realidade. Ela nos define existencialmente, e dá sentido à realidade das relações humanas, das relações com a criação, com a cultura, com a universidade e tudo o mais que existe. Vivemos em mundo cada vez mais carente de uma narrativa que dê sentido à vida. Diversas histórias circulam no mundo da pós-verdade, mas nenhuma capaz de dar um apoio existencial de fato. **Nossos amigos não cristãos precisam conhecer as boas novas de que Deus providenciou um lugar para nós em sua história,** e que somente começamos a conhecer a nós mesmos à medida que entendemos nosso papel nessa narrativa, a narrativa da redenção.

A pergunta que nos fazemos é como podemos contar essa grande história de forma que estudantes não cristãos encontrem nela sua própria história e principalmente encontrem uma narrativa que é na verdade uma pessoa, Jesus, o Cristo. Levo esse desafio como assessor auxiliar, e a tarefa de contribuir na formação dos estudantes que vão compartilhar essa narrativa. Mais do que pessoas que saibam contar a história, queremos ver discípulos que entendam seu papel e vivenciem a narrativa da redenção.

Descobri que a jornada que empreendi para a Assembleia Mundial na África do Sul não terminou com o final do evento. Depois de refletir, entendi que ela é uma das cenas de uma jornada pessoal que começa quando Cristo diz “Venha e siga-me”. É um caminho que continua a ser trilhado, algumas vezes pelo deserto, pelos vales e campinas, ou pela noite escura que aguarda o brilho da aurora e o desfecho da grande história.■

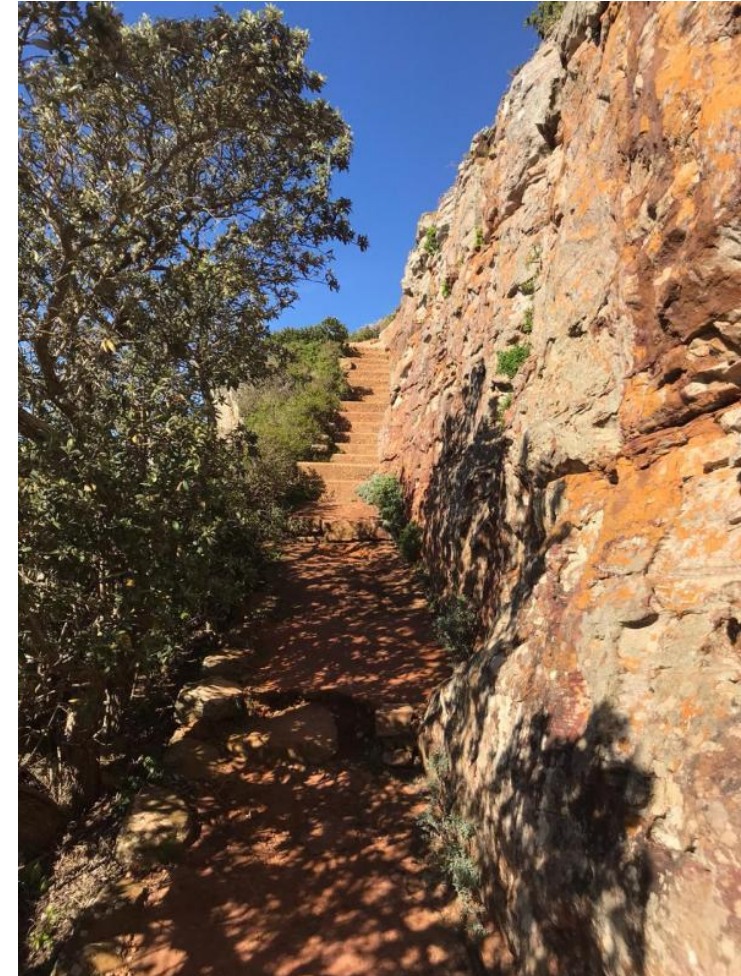


Foto: Jornada - Foto do autor

Relato da Assembleia Mundial: uma jornada de fé, encontros e esperança

Por Marcio Lima, que participou da Assembleia Mundial da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês) enquanto profissional*

***Marcio participou da ABU Presidente Prudente (SP) quando era estudante de arquitetura na UNESP. Hoje é assessor auxiliar na região São Paulo e Mato Grosso do Sul além de ser mestre em História e Fundamentos pela USP e trabalhar como arquiteto e professor na Universidade Anhanguera de São Paulo.**

Ziel Machado: de volta pra casa

Por Jessica Grant

“Eu achava que eu tinha colocado um ponto final na minha história com a IFES, mas coloquei um ponto e vírgula”, conta Ziel Machado em meio a risadas. Hoje pastor na Igreja Metodista Livre no bairro da Saúde, em São Paulo (SP), e vice-reitor acadêmico do Seminário Servo de Cristo, Ziel participou de **34 anos** da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) e da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, sigla em inglês da associação à qual a ABUB faz parte), saindo em 2011.

Desde seu envolvimento enquanto secundarista, aos 16, passando pela secretaria geral da ABUB e até o cargo de secretário regional da América Latina, muita da bagagem que o historiador carioca carrega vem da sua formação no movimento missionário estudantil. "Kodo dizia que a melhor coisa que eu fazia na igreja era o que eu tinha aprendido na IFES", fala, também rindo, sobre outro pastor da comunidade que Ziel pastoreia desde 1995.

O ponto final ganhou uma vírgula quando Daniel Bourdagné, secretário geral da IFES até a última Assembleia Geral realizada em julho de 2019, na África do Sul, escreveu para Ziel no dia 8 de março deste ano com um convite em mente: **o brasileiro foi apresentado e eleito na Assembleia Geral como presidente honorário da IFES**, chefe de um grupo de 14 vice-presidentes honorários que servem como um corpo de conselheiros.

Em seu escritório no seminário, em São Paulo, Ziel conversou conosco para explicar melhor o cargo e compartilhar aprendizados. Ele brincou que agora é "velho oficial" da missão, enquanto contava que também está tentando descobrir o que o cargo significa.

Para Ziel, enquanto presidente honorário ele precisará ler o tempo atual e situar nosso ministério neste tempo, sabendo como agir nas circunstâncias, como os filhos de Issacar em 1 Crônicas 12:32: "Que tipo de apoio eu posso dar pra liderança sênior da IFES? A oração e o discernimento. E com a liderança mais jovem contar histórias para ajudá-los a formarem o ethos."

Ele pretende coordenar o grupo de vice-presidentes especialmente em oração. O primeiro pedido de intercessão será pela interinidade e a transição do secretário geral da IFES, agora à cargo da comissão de busca. Durante os últimos anos, Daniel Bourdagné sinalizou que sairia na Assembleia Mundial de 2019, e foi organizado um processo de escolha do próximo secretário geral. O novo líder poderia, também, criar uma nova visão para a década, como Daniel fez com o "Pedras Vivas", que vai até 2020. No entanto, a pessoa escolhida renunciou. A Diretoria (também chamada de Comitê Executivo) e a Assembleia deram continuidade ao processo de escolha reinstalando o comitê, o qual o presidente honorário anterior segue ajudando. Por isso, os conselheiros têm o importante desafio de orar por esta situação ímpar, aconselhar na transição ³⁹ quando demandados e preservar a unidade e o ethos da missão por todo o mundo. »

Ziel Machado: de volta pra casa



Foto: Ziel e Daniel Bourdagné

» ABUB: Você se tornou presidente honorário da IFES nesta última Assembleia Mundial. O que significa este cargo e o que ele faz?

Ziel Machado: A função do presidente honorário pelo Estatuto é de ser o responsável pelo grupo de sabedoria da IFES, os conselheiros que são convocados em situações que demandem uma palavra de sabedoria, ouvir da experiência, contar um pouco da história da IFES, preservar o ethos da comunidade. Esse comitê [de vice-presidentes honorários] tem uma representação regional, homens e mulheres, e a qualquer momento pode ser demandado. No Estatuto, diz que o presidente honorário além disso tem uma fala a cada Assembleia Mundial. A eleição é por quatro anos, com possibilidade de mais quatro, e em cada Assembleia Mundial há a fala pra família toda. Nesta última assembleia, a fala do presidente honorário anterior foi sobre como está o esforço missionário no mundo hoje. Ele deu uma visão panorâmica e tentou colocar os desafios e onde a IFES se encaixa nesses desafios. »

Ziel Machado: de volta pra casa

Por Jessica Grant

» **E é um cargo voluntário, certo? Não é como um obreiro da IFES.**

Sim, voluntário, completamente voluntário, só à medida que demandam. O que eu vou tentar fazer é tentar trabalhar com esse grupo como um grupo de anciãos que ora, um grupo de intercessão. Então a minha ideia é a cada dois meses enviar uma notinha manuscrita num cartão pelo correio regular, oldschool. Com temas de oração pra orarmos nos próximos dois meses. Vou tentar fazer isso pra não deixar esse grupo com um salto de uma assembleia a outra. Serão seis cartões por ano, a gente mantém um vínculo e faz o pessoal orar pelas situações.

Por que você pensou nisso?

Porque acho que uma forma de interferir no processo sem estar presente é a oração. Em Efésios 3, por exemplo, Paulo está preso, orando pelos crentes a partir de Roma. Se há uma forma de participar diretamente num processo sem eliminar a responsabilidade de ninguém, nem tolher a liberdade de ninguém é orando. Você está no processo, está orando. Eu não conheço todos os 14 vice-presidentes, mas um cartãozinho de uma coisa típica do Brasil com cinco linhas atrás com os pedidos de oração, pra encorajar a oração deles, acho que vai ser legal, vai ser de bom tamanho. E a gente pode ter um grupo conectado.

Essa ideia veio de uma coisa que eu ouvi do John Stott. Ele contava pra gente que, depois que se converteu, por cinco anos o pastor que o evangelizou mandava semanalmente uma carta de discipulado. E ele acreditava muito nesse negócio de cartas. Depois que eu passei um tempo na Inglaterra ele mandava uma carta a cada seis meses com uma parte impressa, mas em cima escrito à mão uma notinha pessoal de três linhas, assinada "tio Juan". Então pensei que era uma boa ideia, melhor do que fazer um grupo de WhatsApp, que acho muito impessoal. E como o povo é oldschool, acho que vão apreciar mais receber pelo correio.

Quando você recebeu o convite, oito anos depois de sair do movimento estudantil, o que o impulsionou a retornar? O que o fez aceitar o convite?

Daniel Bourdagné me escreveu no dia 8 de março dizendo que queria o meu número de telefone pra gente conversar. Eu falei: "Epa, o que esse cara quer falar comigo agora?" (risos). Aí ele ligou e falou: "A gente no Comitê Executivo da IFES considerou que seria hora de você voltar e gostaríamos que voltasse como presidente honorário". Eu pedi uma semana pra pensar e perguntei: "Por que você acha que eu devo voltar agora e nessa condição?". Eu achava que eu tinha colocado um ponto final na minha história com a IFES, mas coloquei um ponto e vírgula [risos]. »

Ziel Machado: de volta pra casa

» Aí conversei com Ricardo [Borges, secretário adjunto de engajamento com as Escrituras na IFES e pastor na mesma igreja de Ziel], com Kodo [Nakahara, também pastor na mesma igreja], com David Bahena [secretário regional da IFES para América Latina]. E todos acharam que nessa circunstância de certa indefinição do que iria acontecer, pois estava em aberto a questão do secretário geral, seria bom. Então sentei com Solange [Machado, esposa de Ziel], orei, e Solange viu minha cara de alegria, que esse negócio de IFES é tudo de bom, né? [risos] Eu me senti voltando pra casa, na verdade, porque passei 34 anos da minha vida nesse negócio. Tudo o que eu aprendi, minha formação toda. Eu cheguei na ABS quando tinha 16 anos. Eu sou o primeiro presidente honorário que foi secundarista no movimento estudantil. Meu primeiro contato com a teologia se deu na IFES, meu primeiro contato com missão se deu na IFES, tudo. Tenho uma dívida de gratidão muito grande, porque muitas coisas que faço e o pessoal aprecia são coisas que eu aprendi na IFES. Chegou uma época lá na igreja que o Kodo dizia que a melhor coisa que eu fazia na igreja era o que eu tinha aprendido na IFES. Eu também vejo hoje que muita coisa boa que levo pra IFES é da experiência que eu tenho na igreja local. O que me levou a decidir foi isto: sempre ouvi os mais velhos, então [ouvi] a palavra do Daniel e do Comitê, dos amigos mais próximos que estão na IFES ainda, do Kodo e o apoio da Solange e dos filhos em casa. Os filhos disseram: "Tem como a gente dizer não pra isso? Quando é que você diz não pra IFES?" [risos].

Você já foi pra várias assembleias mundiais, né?

Sim! Colômbia, Holanda, Coreia do Sul, Canadá, Polônia e na África do Sul agora. Seis no total.

E o que você acha que estes eventos grandes, que reúnem a família toda, têm de bom?

Em termos de transformação, a participação estudantil e das mulheres é evidente que se tornou cada vez mais preponderante. Na Assembleia da África as mulheres salvaram a exposição bíblica, foram excelentes. E o compartilhar das estudantes foi demais. Nessa Assembleia agora os estudantes tiveram também muita participação na plataforma, a fala foi preponderante. Sabe aquele negócio quando você chega na cozinha, abre a tampa da panela, e todo mundo sente o cheiro da comida boa? Assembleia pra mim é isso. Tirar a tampa da panela e sentir aquele cheiro gostoso de "isto é o movimento estudantil! Este é nosso jeito de fazer missão no mundo!". Porque as pessoas nunca se viram e basta três minutos que já são melhores amigos, mesmo não entendendo muito bem que língua o outro está falando. Que coisa é essa? [risos] É tipo um pentecostes com línguas definidas. Esse momento oportuno, esse kairós em que as conexões se dão, o compartilhar se dá, esse sentido de pertença. Porque a IFES tem um sentido de pertença muito grande e um jeito peculiar de fazer missão.»

Entrevistas

Ziel Machado: de volta pra casa

» [A Assembleia] é aquele momento quando você senta no colo da vó na sala de casa e ela começa a contar história da família, e você vai vendo no hoje essas conexões. Na Assembleia a gente tem um desafio bíblico importante, o lugar da Bíblia é preponderante, marca e modela os movimentos. A excelência e o cuidado, a responsabilidade com a gestão. A IFES no mundo todo tem tudo pra dar errado, porque a gente é um movimento espalhado pelo mundo com poucas regras, tudo na base da confiança. Eu sinto que esse sentimento de pertença, essa singularidade na missão, o compartilhar, os links que surgem, esse ethos, esse cheiro gostoso... isso anima as pessoas! Na Assembleia, eu diria que você aprende muito do que vem da plataforma, mas aprende demais nos corredores, nas mesas, nas comidas. »



[Más historias de la Asamblea Mundial de Sudáfrica - YouTube](#)

Ziel Machado: de volta pra casa

» **Você falou que a IFES faz missão de um jeito peculiar, que jeito é esse?**

É levar a sério que os estudantes têm o Espírito Santo. O papel singular dos estudantes na missão. A IFES não é um ministério pra estudantes, é um ministério de estudantes. Então, tomar a sério a palavra do estudante, reconhecer que ele tem o Espírito de Deus, é enviado por Deus, isso é peculiar, isso é singular. Porque mesmo no mundo religioso, os mais velhos costumam ter preponderância. Mas num ministério como a IFES o lugar do estudante mostra que os mais novos são tão protagonistas quanto os mais velhos. E em alguns espaços eles são mais protagonistas! Isso garante a jovialidade do movimento, não fossiliza com um negócio desse. Porque a linha de frente, o estudante, está o tempo todo informando pra retaguarda o que está acontecendo. Você senta com o estudante, o cara conta histórias e você está "UAU!". A filiação dos movimentos nacionais, que dessa vez os estudantes deram testemunho, nossa! Que momento solene! O jeito peculiar é esse lugar que o estudante ocupa na missão, de linha de frente, de protagonismo, de inspirar e informar aos mais antigos pra que a nossa experiência seja processada por esse vigor juvenil que está na linha de frente. Essa combinação é legal, evita que os velhos mandem de uma maneira inadequada. Os velhos servem os mais novos e a gente vai caminhar junto. Essa pirâmide invertida pra mim é sensacional.

Olhando pro passado, você consegue se lembrar de alguma situação em que lidar com irmãos da mesma fé, mas de culturas diferentes, lhe ensinou mais sobre a missão de Deus?

Uma das coisas que a cultura diferente te faz aprender é aprender a ouvir. Então, no ministério estudantil falar não é a primeira tarefa, ouvir é a primeira tarefa. E por ser multicultural, você necessariamente tem de aprender a ouvir. Essa é minha experiência na América Latina, 19 países que falam espanhol, mas não falam da mesma forma. A mesma língua, a mesma gramática, muda o sotaque, mas comunicam coisas diferentes. Eu me lembro quando entrei na IFES e o Dieter Brepohl [secretário regional anterior] falou pra mim: "Ziel, esqueça sua experiência de êxito no movimento brasileiro, vá pra aprender". Então eu tinha de aprender a ouvir. Por exemplo, a cultura faz com que as pessoas possam usar as palavras pra esconder o que estão pensando. Elas falam, e a fala em vez de ser uma ponte é uma cortina de fumaça, uma neblina. As palavras podem esconder ou podem te pegar pela mão e levar onde você deve ir. Teve uma situação entre os líderes sêniores da IFES que um líder nosso percebeu que havia uma dificuldade de compreensão. Então um dos líderes perguntou ao outro: "Quando você diz 'não', como você diz?" Eu achei a pergunta absurda. E aí me surpreendi porque o outro demorou a responder. A demora já me deixou ressabiado: "Não é tão simples como eu imaginei". »

Ziel Machado: de volta pra casa

Por Jessica Grant

» E aí ele começou a buscar palavras. Depois de um tempo, quando ele encontrou as palavras entre as interjeições e as onomatopéias, ele disse: "É que na minha cultura é muito difícil dizer não. Quando eu digo não, eu digo assim: 'Vamos pensar um pouquinho mais'." Eu pensei: "Esse cara vem dizendo não pra mim há tanto tempo e eu não sabia!". Aí você considera distância geográfica, culturas variadas, pouco recurso, pouco contato, se você não ouve um não claro você começa a trabalhar em coisas que está errado. Eu nunca podia imaginar que a forma como se diz sim e como se diz não pode criar um problema enorme de confiança, de suspeita, de incompreensão, de chateação. Então, no ministério multicultural saber ouvir é vital.

A outra coisa é o lugar das pessoas em relação às estruturas. Pessoas cuidam de pessoas, não é estruturas que cuidam de pessoas. Por mais eficiente que seja a estrutura, ela não substitui o cuidado pessoal, ela só pode servir de apoio. Outra coisa que acho importante a partir do que aprendi no passado é o lugar do vínculo pessoal na formação das pessoas, a gente não pode simplesmente confiar em programas. Muito do que a gente aprende, aprende com vínculos pessoais intencionais e de qualidade. Por mais encontros que eu tenha participado na ABUB ou na IFES, nada se compara a esses encontros pessoais nos quais você aprende da pessoa.

Uma das coisas que eu sinto mais falta da IFES é isso, essa estrutura de supervisão pastoral, de cuidado. Tanto na igreja quanto em seminários e lugares assim, as pessoas o colocam na função e querem que você produza. Na IFES tem cuidado, a cultura do sabático, dos relatórios, da visita, da mentoria, isso é importante. Uma das coisas que eu mais senti falta: quem é que me faz as perguntas difíceis? E essas perguntas salvam a gente, ajudam a gente. »

Ziel Machado: de volta pra casa



Foto: Ziel, segundo da direita para a esquerda, com parte da delegação brasileira que frequenta a igreja local em que pastorea

» Houve alguma experiência no seu trabalho na ABUB ou na IFES em que você se sentiu praticamente sem esperança? Como você retomou a esperança depois?

Teve situações de dor e injustiça que levaram anos! Eu cheguei a ser expulso de um movimento nacional de um país por conta de uma mentira. Uma situação que foi equivocada e quando confrontada a pessoa não agiu da melhor forma e ainda espalhou pra alguns líderes mundiais uma versão que escondia a realidade. Eu estava bem fundamentado, porque tinha cópia da comunicação e tudo, mas criou um mal estar. Tempos depois, com uma nova liderança, ele descobriu os problemas internos e, ao descobrir, veio conversar comigo perguntando porque eu havia os abandonado nessa situação. Eu mostrei a carta. E a pessoa desvendou a mentira. Essa foi a situação mais difícil que eu passei, a mais constrangedora, porque você não pode queimar a pessoa. Trazer à tona, porque eu vou fazer um negócio desse? Conversei na época com o secretário geral e ele disse: "Abraça a granada". Foi constrangedor, difícil e longo. Mas o legal foi que a liderança em seguida descobriu os furos e fez um processo de perdão oficial.

Teve outras situações que foi necessário confrontar o pecado na vida das pessoas, e você não poder abrir isso. Tomar uma decisão, sem poder explicar muito a decisão pra preservar a pessoa. Foi necessário correr o risco de ser mal compreendido, além de deixar margem pra que pessoas inventem possíveis histórias. E você não pode se defender, porque não tem outra forma de se defender senão expondo a pessoa. »

Ziel Machado: de volta pra casa

» Fica calado e deixa o pessoal falar as coisas. O que eu aprendi com o livro de Daniel foi isso: toda vez que você cuida da sua integridade diante de Deus, Deus cuida da sua reputação. Essa decisão da IFES de me convidar pra ser presidente honorário é a confirmação desse princípio.

Quais desafios você vê pra missão estudantil internacional nos dias de hoje?

A condição crítica na qual o mundo se encontra é sempre um desafio muito grande. Como ser um cristão coerente num mundo que deliberadamente deu suas costas pra Deus? As consequências dessa desobediência a Deus torna o desafio de ser cristão uma ameaça em alguns lugares. Por outro lado, o testemunho do evangelho nunca foi tão necessário, tão pertinente. Nas situações de maiores crises, traz paz e esperança pra muita gente. O desafio é como ser pertinente sem ser assimilado, identificado mas não assimilado. A arte de aprender a nunca ficar confortável nesse mundo, em hipótese alguma. Seja na sua profissão, igreja local, família. Porque naquilo que esse mundo expressar a bondade de Deus, ok, mas naquilo que expressar uma oposição sistemática a Deus, estamos desconfortáveis. Em todos os espaços, privados ou públicos. E em cada país esse mal estar vai se expressar de uma forma gritante em uma ou outra área. O grande desafio da obra estudantil é perguntar pro Espírito Santo: a percepção que temos de nós corresponde a que Deus tem de nós?

Ao longo da história o que a gente percebe é que a igreja cristã tende sempre se acomodar ao status quo e a justificar determinados status quo. Isso é muito ruim. Esse conceito de ser peregrino no mundo é o grande desafio. Nós somos de um novo mundo, uma nova terra, em termos de valores.

Você comentou que coisas boas que fez como pastor na igreja local foi o que aprendeu na IFES. Conte pra gente uma coisa que você aprendeu no movimento estudantil e levou pra igreja ou pro seminário.

O lugar que a Bíblia tem na minha vida pessoal, a forma de estudar e apresentar a Bíblia é a grande contribuição [do ministério estudantil]. Outra coisa que é fundamental pra vida inteira, não só pra vida ministerial, é aprender a tirar leite de pedra, a não temer os pequenos começos. No ministério estudantil a gente sempre lida com insuficiência de recursos, insuficiência de coisas. Por isso que na sala de aula, por exemplo, eu me recuso a usar tecnologia pra além da lousa e papel. O que eu vejo é que muitas vezes quando temos muita parafernália as pessoas confundem obra relevante com essas coisas. Eu gosto de ser cada vez mais simples nos recursos que uso e mais profundo naquilo que estou falando. A gente depende da força do Espírito, e não da parafernália. Embora não tenho nada contra o uso sábio da tecnologia, que também expressa a graça de Deus. Mas evito criar intencionalmente essa associação entre ministério bom com ministério com muito recurso, podemos ser bons sem todos os recursos. »

Ziel Machado: de volta pra casa

» O tema da Assembleia Mundial deste ano teve a ver com esperança. Que mensagem de esperança você gostaria de deixar aos estudantes missionários? Como eles podem continuar sendo mensageiros de esperança, preenchidos de esperança, em tempos tão difíceis?

Uma das sugestões mais lindas do evangelho, Paulo fala disso em Romanos, é que a esperança em Cristo não nos confunde, não nos decepciona. O que me dá muita esperança é que a graça de Deus foi suficiente ontem, é suficiente hoje e será amanhã. O que me dá muita esperança é que nada pode nos separar do amor de Cristo. Nada! E quando a Bíblia diz nada, é nada mesmo. Então, se nada pode me separar do amor dele e a graça dele é suficiente, eu tenho recursos pra poder encarar o que vem pela frente, mesmo que seja dolorido. Acho que quando Jesus foi pra cruz ele não perdeu a esperança, pelo contrário. A cruz é a expressão máxima da esperança dele. Então, eu vejo que por mais difícil que seja a situação, a graça de Deus é suficiente, o evangelho continua sendo boas novas e nada nos separa do amor de Cristo. Qual é a segurança que o mundo tem fora disso? A tecnologia está caminhando na direção de nos tornar um grupo de ociosos. Se você tem confiança nisso, lascou. Mas se nada nos separa do amor de Cristo, pronto.

No fim do dia, um estudante na Suécia lidando com uma crise de fé de uma sociedade rica vai ter a mesma esperança de um estudante num lugar do mundo debaixo da guerrilha, da fome absoluta, da devastação ecológica ou social. Com a mesma esperança, enfrentando desafios diferentes. Graves, mas sobrevivendo a eles. ■

Entrevistas

Kehinde Ojo: uma só visão, muitas culturas

Por Jessica Grant

"Comunique a visão", é uma das várias falas do nigeriano Kehinde Ojo que ficaram marcadas depois do treinamento em mobilização de recursos que ele deu no Brasil, em setembro de 2018. Diretor de programa da área de desenvolvimento de apoio local da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos (IFES, na sigla em inglês, da qual fazemos parte), ele veio treinar estudantes, obreiros e diretores da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB) junto com Carmen Castillo, da equipe IFES América Latina.

Em sua função, Kehinde ajuda os movimentos nacionais da IFES a tornarem-se sustentáveis através da mobilização de recursos local, sem depender de aportes estrangeiros. "Conduzimos treinamentos e provemos mentoria para que os líderes dos movimentos nacionais apreciem os valores e ganhos da sustentabilidade local, desenvolvendo estratégias e capacidades para mobilizar os recursos por meio de um engajamento com as Escrituras", conta. Ele viaja por todo o mundo e lida com movimentos de diversos países e culturas. Na Assembleia Mundial 2019, ainda ministrou uma oficina com a ajuda do brasileiro Marcus Vinicius Matos, diretor secretário da ABUB.

Conversamos com Kehinde sobre o desafio de ensinar e aprender entre culturas, sobre o papel da IFES neste apoio e sua experiência na Assembleia Mundial. Confira: »



Foto: acervo do Kehinde, no centro da foto em pé

Entrevistas

Kehinde Ojo: uma só visão, muitas culturas

» ABUB: Como nigeriano, você viaja o mundo ensinando diferentes movimentos nacionais, de culturas muito diferentes da sua. Como você se prepara para estes momentos?

Kehinde Ojo: Ensinar a Palavra de Deus é um grande privilégio. A minha preparação começa com oração e pesquisa sobre algumas coisas da cultura que irei visitar: sua história, teologia e perspectivas. Além disso, qual é a experiência prévia deles em relação ao treinamento que providenciarei.

Como fazer a ponte entre diferentes culturas para que o ensino fique claro?

Um grande obstáculo ao ensino eficaz são as suposições! Então evito fazer suposições durante qualquer uma das minhas viagens entre culturas. Em vez disso, faço perguntas para saber e estar informado, o que me ajuda a me integrar em grande medida. Também aprendo as "palavras mágicas" na língua local do meu público [como "obrigado", "por favor" etc.]. Mais importante ainda, o estudo bíblico é feito sempre no idioma local enquanto eu uso um tradutor para acompanhar o ritmo da minha audiência. Em vez de ensiná-los o que sei, peço que eles me mostrem o que Deus lhes aponta através das Escrituras. Esta abordagem tem se provado muito eficaz para conectar com o público. »



Kehinde Ojo: uma só visão, muitas culturas

» O que você já pode aprender com diferentes movimentos nacionais sobre a missão estudantil?

Uma questão importante que se destaca com respeito à missão estudantil [que aprendi] a partir das minhas visitas para muitos movimentos nacionais é paixão! O ministério estudantil é feito com paixão por meio das culturas. Estudantes, graduados e obreiros, todos estão comprometidos com a missão por meio de seu tempo, talento e tesouros. Em alguns casos, grandes sacrifícios são feitos só para garantir que o trabalho aconteça.

Se você pudesse deixar uma lição simples aos estudantes missionários brasileiros, qual seria?

Gostaria de encorajá-los a colocar Deus em primeiro lugar em tudo o que fazem. Colocar Deus em primeiro significa uma vida de oração contínua e estudo diligente das Escrituras. O mundo estudantil de hoje em dia é bombardeado com mídias sociais, o que coloca uma pressão enorme nos estudantes para que se adaptem. É nessa dependência em Deus, expressa em orações e estudos bíblicos diários, que nos liberta das pressões que encaramos no mundo estudantil.

Como a IFES apoia os movimentos nacionais e por que isso é importante na sua perspectiva?

A IFES o faz ao prover aos movimentos nacionais recursos e treinamentos que foram identificados como necessários, estabelecendo ministérios estudantis que possam ser sustentados por uma liderança e iniciativa local. Isso é importante porque nenhum movimento nacional tem particularmente tudo o que é necessário para a eficácia ministerial. Somos mais fortes por meio da parceria e da colaboração.

Os movimentos nacionais podem contribuir generosamente para a IFES através dos serviços que prestam a seus alunos e graduados. Ao destacar-se com excelência em seus ministérios nacionalmente, a IFES como um corpo global se torna mais forte e capaz de transferir princípios divinos desse movimento nacional para outros movimentos nacionais.

Na Assembleia Mundial deste ano você organizou uma oficina junto com um brasileiro. Por que você quis convidar o Marcus Vinicius para participar?

Romanos 12 nos conta que Deus em sua graça nos deu diferentes dons para fazer as certas coisas bem. Marcus, durante minha visita ao Brasil, demonstrou graça e capacidade na área de mobilização de recursos. Foi isso que me motivou a convidá-lo a compartilhar de seus aprendizados e experiências globalmente, o que, como mencionei antes, é uma das formas com que movimentos nacionais podem contribuir com a IFES. »

Kehinde Ojo: uma só visão, muitas culturas



» Como você acha que diferentes culturas podem se unir para ensinar a outras, como vocês fizeram na Assembleia?

IFES nos dá um dos melhores exemplos de como diferentes culturas podem se unir para ensinar outras. Isso é expresso a cada quatro anos por meio da Assembleia Mundial da IFES. Isso também é expresso na equipe do programa de Desenvolvimento de Apoio Local, que é composta por irmãos e irmãs de diferentes partes do mundo. A melhor abordagem é regularmente reconhecer que nenhuma cultura tem tudo o que é preciso e todos temos algo a oferecer para o resto do mundo.

E o que temos a ganhar com isso?

Um grande ganho com essa colaboração é perspectiva. Com a experiência, aprendemos formas melhores de fazer as coisas, o que pode economizar muito tempo e dinheiro. Também dá a oportunidade para as pessoas usarem seus dons como uma maneira de abençoar os demais. »

Kehinde Ojo: uma só visão, muitas culturas

» **O tema da Assembleia Mundial deste ano teve a ver com esperança. Que mensagem de esperança você gostaria de deixar aos estudantes missionários? Como eles podem continuar sendo mensageiros de esperança, preenchidos de esperança, em tempos tão difíceis?**

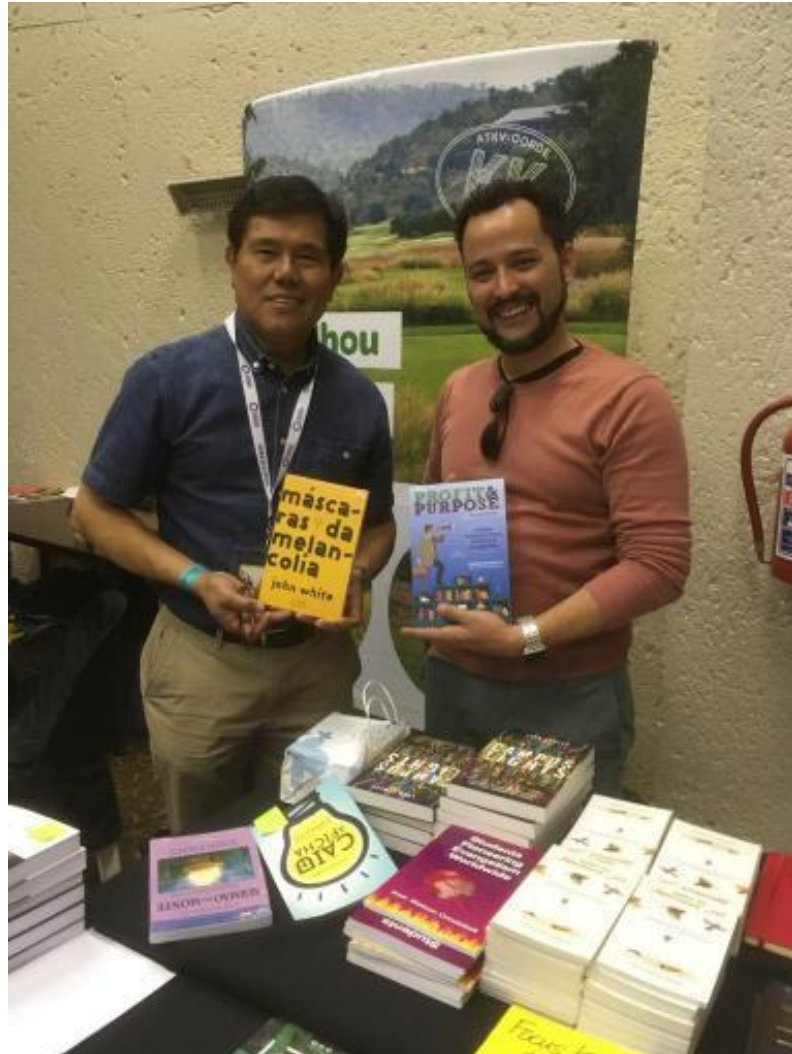
O apóstolo Paulo declarou inequivocamente nas epístolas que sem esperança, nós cristãos "somos os mais miseráveis". Mas graças a Deus, temos esperança em Cristo. Cristo é a esperança do mundo! "A ele quis Deus dar a conhecer entre os gentios a gloriosa riqueza deste mistério, que é Cristo em vocês, a esperança da glória", Colossenses 1:27 (NVI). Gostaria de incentivar os estudantes missionários a manter viva a esperança, a nunca desistir.

Novamente, tomando emprestado a carta de Paulo para a igreja em Corinto, Paulo declarou que nossos problemas atuais são pequenos e não duram muito, então não olhamos para os problemas que podemos ver agora, mas "fixamos os olhos, não naquilo que se vê, mas no que não se vê, pois o que se vê é transitório, mas o que não se vê é eterno" (2 Coríntios 4:16-18, NVI). Minha leitura de Mateus 28:18-20 me lembra de três coisas. Em primeiro lugar, o "Grande Seguro": toda autoridade no céu e na terra foi dada a Cristo. Em segundo, a "Grande Comissão": o mandamento de Cristo é ir e entregar a mensagem, independentemente de como nos sentimos. E em terceiro, a "Grande Garantia", Cristo irá conosco.

Minha oração e desejo é que os estudantes missionários continuem sendo mensageiros de esperança no desafiador e difícil mundo em que agora vivemos.▪

Bônus: entrevista com Marcus Vinicius Matos

Por Jessica Grant



Depois do treinamento no Brasil, Marcus foi convidado a compartilhar na oficina da Assembleia Mundial 2019 com Kehinde. Lá na África do Sul, o diretor secretário da ABUB pode contar um pouco da sua experiência. Abaixo, fizemos duas perguntas para ele.

ABUB: Quando Kehinde lhe convidou a participar com ele da oficina, o que você pensou? O que o moveu a aceitar?

Marcus Vinicius Matos: Eu achei uma loucura total! Eu participei do treinamento sobre mobilização de recursos com ele ano passado, e desde então mantive contato. Até tenho alguma experiência em captação de recursos na universidade e em outros projetos, mas daí a liderar uma oficina no tema para estudantes, obreiros e membros de diretorias de dezenas de movimentos da IFES há uma distância... não me sentia preparado. Mas creio que o convite tem uma razão, e por isso aceitei. Para Kehinde e para a IFES hoje, mobilização de recursos tem menos a ver com técnicas de convencer as pessoas a doarem e mais com visão. Com nossa fé e sobre como a levamos a sério. E isso é um exercício que temos feito na Diretoria Nacional da ABUB, e que particularmente me motiva. É repensar o que fazemos e anunciar isso de forma clara para que as pessoas se motivem e se comprometam com o movimento. É pensar: a ABUB faz o quê? Serve pra quê? Eu aprendi desde estudante que fazemos "evangelização, formação e serviço". O desafio é definir como fazer isso hoje. »

Bônus: entrevista com Marcus Vinicius Matos

» Ao ter clareza, podemos convidar pessoas a doarem para o movimento, fazê-las entender que podem orar por nós e ser parte da mesma missão.

Como você acha que enquanto ABUB podemos contribuir com a formação de outros países, como aconteceu com sua participação na oficina? O que temos a ensinar?

Podemos contribuir de duas maneiras. Uma é compartilhado aquilo que sabemos e acreditamos. E esse partilhar de experiências é rico e abençoador tanto para quem ouve quanto para quem fala, porque quem fala é obrigado a refletir sobre sua própria experiência. Mas a segunda maneira é mais importante. É se engajar. É amar. Porque uma coisa é falar, outra é fazer. A ABUB é o único movimento da IFES em língua portuguesa que conta com publicações e tem uma editora. A demanda por formação nos outros países é enorme! Os livros que lemos para os eventos aqui não chegam lá. Temos uma demanda concreta para contribuir com a formação dessa turma toda! As expectativas do que podemos fazer, de como podemos contribuir com esses movimentos, dependem muito de onde está nosso coração na missão, da nossa visão. Foi nesse contexto de ser demandado a ajudar, a ensinar, que conheci Ramon Rocha, da Media Associate International.

Ele lidera oficinas para editores e publicadores cristãos ligados à IFES e se comprometeu a nos ajudar a servir aos movimentos de Angola, Guiné Bissau, Moçambique, Portugal e Timor-Leste. Queremos e podemos contribuir com formação e literatura. Inclusive já fizemos isso antes, nas décadas de 60 e 70.■

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

Organização: Tályta Alencar | Textos Publicados em julho de 2020

As contribuições que vocês enviaram] são um sacrifício de aroma suave, uma oferta aceitável e agradável a Deus.” Filipenses 4:18 (NVT)

Todos os recursos que chegam às nossas mãos vêm de Deus, pois antes de darem a nós, vocês dão a ele, como uma oferta de amor e sacrifício a ele.

Nessa dinâmica entendemos a graça de Deus para com este ministério, que não é sustentado por merecimento, mas por dádiva, uma vez que compreendemos que esse sustento é entregue pelo próprio Deus a nós. E nesse sentido aprendemos a confiar e a estar satisfeitos em todas as circunstâncias, como Paulo escreveu aos filipenses, “tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13 - NVI).

Queremos lhe agradecer pelo privilégio que temos de caminharmos juntos pelo crescimento do Reino de Deus por meio do ministério estudantil. Além disso, também queremos que vocês se alegrem conosco pelas bênçãos que o Senhor tem derramado e desfrutem da alegria de reconhecer a grande generosidade do Deus Pai. Ele continua trabalhando, sustentando e nos dando sua visão.

E por esta razão queremos compartilhar com vocês o que fizemos em 2019, bem como a forma com que usamos os nossos recursos financeiros e o que sonhamos para os próximos anos.

Metade de outro ano já passou e este 2020 está sendo bem atípico. Mas queremos pausar agora e olhar para estes números de 2019 com gratidão pelo sustento enviado por Deus e pelo que ele tem feito por meio dos estudantes, profissionais, obreiros, assessores auxiliares, doadores e apoiadores da Aliança Bíblica Universitária do Brasil (ABUB).

1. Números de grupos na ABUB

Terminamos o ano de 2019 com 135 grupos filiados à ABUB. Destes:

- 106 são grupos de Aliança Bíblica Universitária (ABU);
- 17 são grupos de Aliança Bíblica de Secundarista (ABS);
- 12 são grupos de Aliança Bíblica de Profissional (ABP).

Entre os grupos filiados mostrados no mapa abaixo pode haver alguns inativos, que não estão em funcionamento. Havia também mais 11 grupos ativos em estruturação ou em processo de filiação.

Somando todos, filiados e ainda não filiados, estamos em 116 cidades brasileiras. »

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019



» [Clique aqui](#) para ver mais detalhes do mapa acima.

Seria importante lembrar que esses números se referem a 2019, período anterior às filiações de janeiro e à Assembleia Geral da ABUB, realizada em julho de 2020, quando alguns grupos não ativos foram desfilados e novos filiados. »

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

2. Impactados pelo evangelho



» Tentamos sondar através de um censo de grupos locais realizado em 2019 alguns números que mostram como os grupos impactaram o mundo estudantil naquele ano e como foi esta atuação:

- Temos cerca de 230 núcleos (grupos pequenos) que se reúnem nas universidades, escolas e entre profissionais e que realizam uma média de 350 atividades semanais (estudos bíblicos, debates, recepção de calouros, apresentações etc.);
- Cerca de 615 pessoas foram impactadas pelo evangelho, isto é, pessoas que se sensibilizaram pela palavra e seguiram na caminhada de conhecer a Cristo, mesmo que não tenham tomado uma decisão. Os grupos ABU Feira de Santana, ABU Montes Claros, ABU Seropédica (Rural) e a ABU São Paulo foram os grupos que mais relataram pessoas impactadas;
- 109 pessoas entregaram suas vidas a Jesus através das iniciativas dos grupos e dos estudantes da ABUB, segundo os relatos dos grupos no censo.

3. Assessores regionais e nacionais da ABUB



Concluimos 2019 com uma equipe de 18 assessores, também chamados de obreiros, que trabalham em tempo integral ou parcial na ABUB. E com dois obreiros em processo de entrada. »

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019



Equipe de obreiros regionais:

Região Centro-Oeste: Jéssica Kelly

Região Minas Gerais: Heitor Barboza e Karen Aquino

Região Nordeste: Felipe Schmitt e Gilvânia Ramos

Região SP/MS: Josué Penteado, Pedro Valenzuela e Fabi Pereira (admitida em fevereiro, 2020)

Região Sul: Thiago Rodgers

Região Leste: Pablo Gomes

Em processo de entrada: Rui Lima (região Norte) com previsão de entrada para agosto/2020 e Higor Valin (região Centro-Oeste)



Secretaria executiva:

Secretária de engajamento missionário: Morgana Boostel

Secretária de formação: Ivanilza de Oliveira

Secretária geral: Sarah Nigri

Secretária de administração e comunicação: Giovanna Amaral

Secretário de formação adjunto: Natan de Castro



Equipe do escritório nacional:

Assessoria de administração:

Natália Verly

Assessoria de mobilização de recursos: Tályta Alencar

Assessoria de comunicação e arte: Jessica Grant

Assistente administrativa (funcionária): Cássia Oliveira



Os assessores auxiliares são profissionais que se dedicam voluntariamente para ajudar no trabalho regional. Eles acompanham grupos locais e auxiliam nos encontros de formação com o obreiro regional.

Terminamos 2019 com 51 assessores auxiliares.

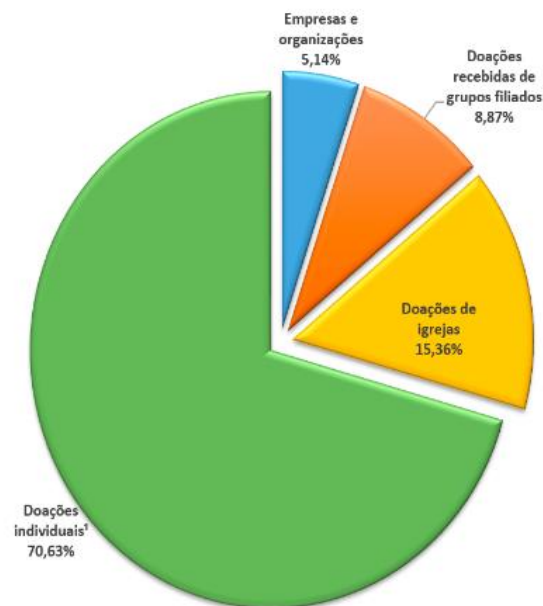
Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

4. Nossas finanças

Entradas	
Empresas e organizações	R\$ 48.910,82
Doações recebidas de grupos filiados	R\$ 84.295,91
Doações de igrejas	R\$ 145.987,39
Doações individuais ¹	R\$ 671.524,55
Total:	R\$ 950.718,67

¹Inclui doações de pessoas direcionadas ao sustento do obreiro, aos caixas regionais e ao fundo nacional (fundo geral).

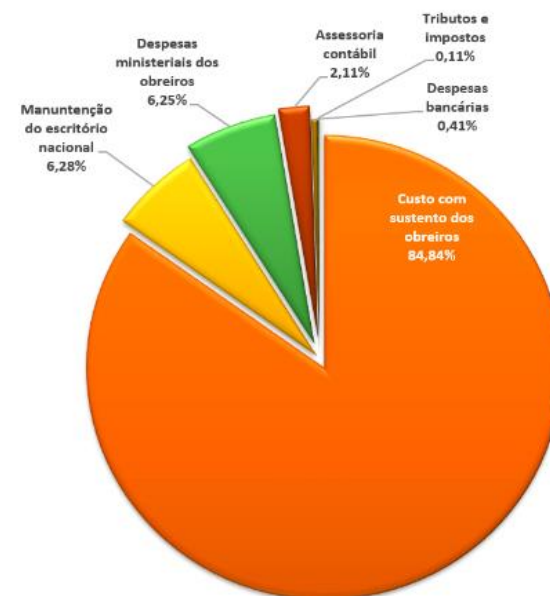


Saídas	
Custo com sustento dos obreiros	-R\$ 838.267,10
Manutenção do escritório nacional ²	-R\$ 62.011,11
Despesas ministeriais dos obreiros ³	-R\$ 61.719,59
Assessoria contábil	-R\$ 20.878,72
Despesas bancárias	-R\$ 4.075,26
Tributos e impostos	-R\$ 1.086,45
Total:	-R\$ 988.038,23

²Inclui custos como salário da funcionária, contas do prédio e outras despesas relativas ao escritório.

³Exemplos: custos de viagem, treinamentos, livros, internet, telefone etc.

Resultado -R\$ 37.319,56



Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

5. Conheça brevemente histórias das regiões no ano de 2019

Região Centro-Oeste: plena expansão



» Com apenas 11 grupos ativos, esta é uma das regiões consideradas pioneiras em nosso movimento. Seus participantes sonham em vê-la crescer! Por isso organizaram um grupo de trabalho para articular-se em prol da expansão da região.

Em um de seus relatórios, a região explica: "Trata-se de um plano de expansão da ABU, que visa alcançar novas universidades e a criação de novos grupos. O objetivo desse projeto, além de difundir a ABU e espalhar a palavra de Cristo nas universidades da região Centro-Oeste, é aumentar o número de grupos da região. Com a concretização deste projeto, acreditamos que poderemos servir a Cristo com mais empenho como abeenses, visto que poderíamos realizar eventos com mais frequência, estabelecer relações mais próximas como irmãos em Cristo e retomar os treinamentos locais e regionais, que se tornaram algo incomum e até desconhecido para novos abeenses". No segundo semestre, este grupo também passou a trabalhar com a reestruturação da ABS na região, que há alguns anos encontra-se inativa. »

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

Região Leste: perseverança e generosidade



» Nas 24 horas antes do primeiro Conselho Regional de 2019 da região, os estudantes descobriram que estavam sem local para o evento. Uma situação que poderia desesperá-los, mas foi usada por Deus para ensiná-los sobre sua soberania. Um local foi encontrado e o evento foi realizado!

Outra adversidade foi enfrentada em julho pelos participantes da ABU Seropédica (RJ) que iriam para o Curso de Férias com a condução da universidade, mas descobriram pouco antes que não seria possível e que precisavam alugar um ônibus. João Antônio, coordenador do grupo, contou no relatório: "Começou uma corrida contra o tempo para levantar recursos e pesquisar ônibus com preços acessíveis. Para nossa surpresa, nos deparamos com uma generosidade sem igual". João conta que até uma semana antes os recursos não eram suficientes, mas Deus proveu tudo o que precisavam a tempo.»

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

Região Minas Gerais: ensinando a servir



» Por alguns anos a região vem crescendo numericamente e pede por oração pelo fortalecimento dos grupos, sem deixar de lado os novos. Em toda região há relatos de atuações na universidade. Em 2019 a ABU Uberlândia (MG), por exemplo, apoiou os novos estudantes no dia da prova, da matrícula e do início das aulas. No relatório enviado, uma das participantes compartilhou seu testemunho:

“Conheci a ABU no início da minha graduação, [quando estava] afastada da igreja. A abertura do movimento, a recepção dos participantes e o fácil acesso permitiram que eu me envolvesse cada vez mais, elaborando estudos bíblicos, participando do grupo local e aprendendo a servir. Deus utilizou pessoas, oficinas e o entendimento sincero de que em todos os lugares a seara é grande, mas os trabalhadores são poucos, para me conduzir novamente a minha igreja local, dessa vez com uma postura de serva.” »

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

Região Nordeste: vocação e vida profissional



» Para além da missão estudantil, a região possui grupos de Aliança Bíblica de Profissionais fortes e ativos, como Recife (PE), Natal (RN) e Salvador (BA), e outros que buscam iniciar os trabalhos. Ao longo de 2019, a região também organizou maneiras para apoiar os recém-formados. Uma história bacana é de Recife, que enviou o relato de Maeli Dias em seu relatório:

“Eu estava em crise em relação à minha carreira profissional. Sem saber o que decidir, optei por não fazer nada segundo os meus próprios consentimentos e a opinião dos outros, mas buscar ao Senhor para saber a vontade dele. Um tempo depois me convidaram para o encontro ‘Satisfação no trabalho’. Foi maravilhoso! Eu adquiri conhecimento, sabedoria e amizades, saí repleta de paz e uma palestrante se dispôs a me ajudar com uma orientação vocacional.”»

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

Região Norte: trabalhando para crescer



» Em março de 2019 a região ficou sem obreiro, o que poderia tê-los desanimado. Mas o resultado foi o contrário: hoje sonham e se articulam para realizar seus planos! Rui Lima foi aprovado para mobilizar recursos e, com o sustento levantado, ser assessor.

Outra dificuldade é que a região sofre com longas distâncias e deslocamentos custosos. Por isso, organizaram um grupo de trabalho para ajudar na reativação de grupos que já foram fortes no passado, mas hoje estão inativos, como a ABU Manaus (AM) e Belém (PA). Em seu último relatório, disseram: "Nossa região tem trabalhado para fortalecer os grupos de ABU e ABS fornecendo treinamentos e deslocamento de abeenses experientes. Já estamos muito felizes pela formação de diretoria da ABS Teresina (PI), ABS Oeiras (PI) e possivelmente ABS São Luís (MA)". No relatório anterior, afirmaram que: "Esperamos com fé, todavia não parados, mas trabalhando no acompanhamento e apoio dos grupos locais, para que esses se consolidem e deem frutos." »

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

Região São Paulo e Mato Grosso do Sul: a Palavra nas escolas



» Atualmente a região é uma das mais fortes no ensino médio, com sete grupos ativos da Aliança Bíblica de Secundaristas no estado de São Paulo, mas apenas um filiado. Alguns, como a ABS Ribeirão Preto, contam com o apoio de professores que foram da ABUB. Outros, como a ABS Franca, estão em processo de tornarem-se mais independentes do grupo universitário da cidade. Como a renovação dos estudantes é mais rápida, todos grupos enfrentam dificuldade com a troca de lideranças.

Júlia Zeng, de São Paulo, compartilhou em testemunho ao relatório que “uma preocupação é se realmente estamos conseguindo refletir Deus através do nosso grupo”. Já Bianca Zaboto, de Sorocaba, disse: “Somos gratos por ter pessoas dispostas na missão. E oramos para que Deus envie pessoas com o coração disposto a servir. A atual liderança se forma no fim do ano. Isso desanima em alguns momentos. Oramos para que Deus continue nos sustentando e dando ânimo”. »

Ação de Graças

Aliança Bíblica Universitária do Brasil em 2019

Região Sul: renovação com apoio externo



» As norueguesas Dagne Saeland e Louise Groevan foram viver em Curitiba (PR) em 2019 para apoiar a missão na região Sul. Elas criaram um grupo de estudos bíblicos em inglês junto ao núcleo da UTFPR Centro, chamado Awake (acorde ou acordado, em tradução livre). O Awake teve uma boa e constante presença de aproximadamente 10 pessoas por encontro, algumas não cristãs. Além disso, elas acompanharam as demais atividades do núcleo e do grupo local. Também realizaram em novembro um culto em parceria com uma igreja sobre a vida cristã na Noruega. Ensinarão cânticos em norueguês e fizeram uma linda dinâmica de oração.

Como resultado do trabalho delas, experimentaram um importante crescimento e maior envolvimento de pessoas no núcleo da UTFPR. Estudantes relataram que se sentem mais motivados e engajados com as atividades no campus. A liderança da ABU Curitiba foi renovada com a presença de pessoas do núcleo.■